POR QUE ESTUDAR INTELECTUAIS NEGROS?

Fernanda Pereira da Silva[1]

Resumo: O presente artigo discorre sobre a necessidade de atualização dos referenciais teóricos difundidos nos ambientes de ensino, através da inserção e difusão das obras produzidas por intelectuais negros e negras. Esta mudança de referenciais identifica no incentivo à produção de diálogos a efetivação da diversidade cultural e uma desalienção da educação, que por vezes, ainda focada em um modelo eurocêntrico de ensino, continua a produzir o apagamento da identidade de muitos. O reconhecimento das produções que a diversidade cultural proporciona, pode nos aproximar de uma verdadeira democracia racial, que ainda almejamos.

Palavras-chave: Intelectuais; negros; negras; mudança; educação.

WHY STUDY BLACK INTELLECTUALS?

Abstract: This article discusses the need to update the theoretical references diffused in teaching environments through the insertion and diffusion of the works produced by black intellectuals. This change of references identifies in the encouragement of the production of dialogues the realization of cultural diversity and a disalienation of education, which at times, still focused on a Eurocentric model of education, continues to produce the erasing of the identity of many. The recognition of the productions that cultural diversity provides, can bring us closer to a true racial democracy, which we still long for.

Key-words: Intellectuals; black man; black woman; change; education.

POURQUOI ÉTUDIER LES INTELLECTUELS NOIRS?

Résumé: Cet article discute de la nécessité de mettre à jour les références théoriques diffusées dans les environnements pédagogiques à travers l'insertion et la diffusion des œuvres produites par les intellectuels noirs. Ce changement de références identifie dans l'encouragement de la production de dialogues la réalisation de la diversité culturelle et une désaliénation de l'éducation qui, parfois, toujours centrée sur un modèle d'éducation eurocentrique, continue à produire l'effacement de l'identité de beaucoup. La reconnaissance des productions que procure la diversité culturelle peut nous rapprocher d'une véritable démocratie raciale, dont nous aspirons toujours.

Mots-clés: Intellectuels; noir; homme noir; femme noire changement; éducation.

¿POR QUÉ ESTUDIAR INTELECTUALES NEGROS?

Resumen: El presente artículo discurre sobre la necesidad de actualizar los referenciales teóricos difundidos en los ambientes de enseñanza, a través de la inserción y difusión de las obras producidas por intelectuales negros. Este cambio de referencia identifica en el incentivo a la producción de diálogos la efectividad de la diversidad cultural y una desalienación de la educación, que a veces, aún enfocada en un modelo eurocéntrico de enseñanza, continúa produciendo el borrado de la identidad de muchos. El reconocimiento de las producciones que la diversidad cultural proporciona, puede acercarnos a una verdadera democracia racial, que aún anhelamos.

[1] Mestranda Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca- CEFET/RJ, E-mail: feps_8@hotmail.com .

Palabras-clave: Intelectuales; negros; negras; cambio; educación.

INTRODUÇÃO

> *"Minha última prece: Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!"* (Fanon, 2008)

Para iniciarmos nossa trajetória começo esse artigo com uma pergunta: Você já parou para pensar quantos intelectuais negros e negras conhecemos ao longo da nossa vida estudantil? Algumas poucas pessoas poderão lembrar de Machado de Assis, apenas quem lembrar que ele era negro, pois muitos deixaram esta informação passar comodamente desapercebida. E quantos intelectuais negros e negras você conheceu ao longo da sua vida acadêmica? Vale a reflexão...

A autora Susan Buck-Mors (2011, p.32) afirma em seu artigo Hegel e Haiti que:

> Quando histórias nacionais são concebidas como autônomas ou quando aspectos distintos da história são tratados por disciplinas isoladas, as evidências contrárias são marginalizadas e consideradas irrelevantes. Quanto maior a especialização do conhecimento, quanto mais avançado o nível de pesquisa, quanto mais antiga e respeitável a tradição intelectual, tanto mais fácil se torna ignorar os fatos desviantes. Vale lembrar que a especialização e o isolamento representam um risco também para as novas disciplinas, tais como os estudos afro-americanos ou os estudos diaspóricos[2], que foram criadas precisamente para remediar essa situação.

O mundo acadêmico ainda apresenta um certo distanciamento aos temas que poderão contextualizar os caminhos tradicionais do saber e que possibilitam a construção de novos questionamentos, muitas vezes, não serão bem-vindos nos moldes tradicionais de ensino, sendo frequentemente classificados como assuntos desviantes e direcionados para as disciplinas extras da grade curricular. Buck-Morss (2011, p.32) complementa:

> Fronteiras disciplinares fazem com que as evidências contrárias virem problema dos outros. Afinal de contas, um especialista não pode ser especialista em tudo. É razoável. Mas argumentos assim são uma forma de evitar a verdade incômoda segundo a qual se certas contestações de fatos forem capazes de penetrar fundo o bastante na consciência intelectual, ameaçarão não apenas as narrativas veneráveis, mas também as disciplinas acadêmicas entrincheiradas que as (re)produzem.

[2] "O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre uma construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora". (Hall, 2003, p.28)

Ao adentrar na vida de pesquisadora sobre a Relações Étnico-Raciais, tornou-se indiscutível a necessidade de conhecer os percursos históricos e bibliográficos construído por diversos autores que trabalham sobre o tema em questão. A representação de teorias e pesquisas científicas levantadas e perpetuadas pela cultura acadêmica, que frequentemente segue os moldes eurocêntricos de ensino, a princípio tornar-se-iam nossa primeira fonte de pesquisa e estudos. Ao realizamos um recorte sobre a participação de intelectuais negros e negras que influenciaram de alguma forma a construção do saber acadêmico, levantamos uma possibilidade de (re)conhecimento e representatividade da cultura afrodescendente como produtora de conhecimento, além de propor uma discussão sobre o papel do racismo como ideologia que atua no apagamento da história de resistência da população negra em diferentes espaços, inclusive dentro dos centros acadêmicos. A anulação de debates que produzam discussões sobre o racismo ecoa profundamente na sociedade, e principalmente, nos leva a refletir que a manutenção do racismo se caracteriza como uma ideologia que habita por séculos o imaginário popular, construindo marcas na história da humanidade que vão além do senso comum, mas aprofunda-se em questões políticas, sociais, psicológicas, econômicas, religiosa, de saúde e em todos os temas que envolve a presença do ser humano. Moura (1994, p.1) frisa que:

> Sobre o racismo um dos temas mais polêmicos, instigantes e inesgotáveis do mundo moderno, concentram-se opiniões contraditórias, que discutem em vários níveis, as consequências de sua prática. A discussão sobre as diversas formas de sua atuação, significado e função vem sempre acompanhada de uma carga emocional, o que demonstra como a polêmica que se monta em torno de seu significado transcende em muito as questões acadêmicas, para atingir um significado mais abrangente, da ideologia de dominação. Somente admitindo o papel social, ideológico e político do racismo poderemos compreender sua força permanente e seu significado polimórfico e ambivalente.

A ideologia racista está sempre presente na nossa forma de aprender o mundo, como complementa Mbembe (2014, p.1). Estudar intelectuais negrxs proporciona ao ambiente acadêmico a produção e (re)conhecimento da historicidade da população negra que fora muitas vezes negada ou distorcida.

Partindo do pensamento que a reflexão leva a (des)construção, a leitura das obras de intelectuais negros e negras torna-se de extrema importância ao incentivo às práticas

acadêmicas abertas ao reconhecimento da produção da diversidade teórica que permeia a vida humana, e consequentemente efetivando a execução das legislações existentes para a educação da das relações étnico-raciais, ensino da cultura africana e afro-brasileira. Hall(2014, p.41), complementa que: "A identidade está profundamente envolvida no processo de representação[3].", portanto, o reconhecimento dos processos que envolveram a construção da identidade da população negra possibilita a produção de um diálogo entre os antigos moldes eurocêntricos e hegemônicos que permeiam o espaço acadêmico, através de referenciais teóricos consistentes que direcione o saber para o entendimento sobre as produções relacionados a representatividade racial. A autora bell hooks[4](2013, p.53) destaca que:

> Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, fica claro, infelizmente, que as parcialidades se sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexíssimo e o racismo distorcem a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade.

Este artigo reconhece que a lista de intelectuais negros e negras é vasta, mas utilizo das referências produzidas por intelectuais como Kabengele Munanga, Aimé Césaire, bell hooks, Stuart Hall, Nilma Lino Gomes, Frantz Fanon e Achille Mbembe. Oportunamente realizo uma breve apresentação da história de Frantz Fanon como forma de salientar que a obras desse autor influenciou várias gerações de autores.

O racismo como ideologia anula a população negra, classificando-a como inferior, e interferindo no desenvolvimento da sua construção de identidade cultural. Nesse movimento de construção de diferenciações e classificações, o reconhecimento da identidade cultural da população negra é privado. Logo o incentivo à criticidade ao conhecimento produzido ao longo da nossa vida acadêmica, possibilitará a construção de uma universidade culturalmente diversa.

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA DO OUTRO

[3] Hall(2014, p.41) orienta que: "a modelagem e remodelagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação tem efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas".

[4] A grafia do nome da autora bell hook é realizado utilizando apenas letras minúsculas. Em algumas entrevistas a autora afirma que: "o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu".

Ao estudar a construção teórica de intelectuais negros e negras e temáticas envolvendo as relações étnico-raciais, preciso colocar-me no lugar do outro, reconhecendo os privilégios sociais que a branquitude me proporciona, em comparação a imensidão de estereótipos e descasos que são direcionados a população negra. Essa produção de diferenças, ainda validadas pela sociedade, direciona as minhas reflexões para o entendimento que carrego uma grande responsabilidade de compreender que a cor da pele, mesmo que de forma silenciosa, ainda é um fator determinante para a sociedade. O entendimento das concepções sobre branquitude e/ou branquidade, devem sempre ser lembrada diante o processo de análise das diversas fontes de conhecimento. Ware[5] (2004,p.17) reforça que:

> Uma leitura crítica cuidadosa da reluzente da cultura global confirma a necessidade de manter as definições da negritude e da branquidade relacionadas entre si, analisando-as como abstrações, sem perder de vista as situações e contextos específicos em que a raça é posta em jogo.

Estudar as produções dos intelectuais negros e negras, possibilita compreender os caminhos que levaram à construção e preservação desse racismo silencioso e cruel que persiste ao longo dos tempos. As produções teóricas destes intelectuais tornam possível conhecer a historicidade da cultura negra em diferentes países, que resistem diante de todas as adversidades e preconceitos ainda existentes.

No texto: O discurso sobre a negritude, de Césaire (1987, p.113), o autor menciona que: "Eu vejo que alguns se interrogam, de tempos em tempos, sobre a Negritude. A questão hoje em dia não é a Negritude. A questão é o racismo; é o recrudescimento do racismo no mundo inteiro; são os focos de racismo que se reacende aqui e acolá". O entendimento sobre a negritude precisa ser analisado sempre em oposição ao racismo, como uma forma de ser, de pensar e de atuar, por ser tratar de um posicionamento ético e moral diante as atrocidades sociais e intelectuais que as relações humanas pode produzir, Césaire (1987). Estudos e pesquisas sobre temas que relacionados a negritude e a contestação dos privilégios que a branquitude preserva, faz-se necessário para pensarmos outras formas de conhecimentos para um mundo que ainda valoriza e hierarquiza as raças.

[5] A diferenciação entre os termos branquitude e branquidade produz inúmeras discussões, como salienta Moreira(2014, p. 9): "Outros trabalhos surgem, principalmente no campo da psicologia, discutindo o conceito de branquitude após o lançamento da coletânea de Vron Ware. Apesar da tradução de 2004 dar a nomenclatura de *Branquidade* a teoria, as pesquisas seguiram utilizando o termo branquitude".

O reconhecimento dos percursos e produções da construção da identidade cultural do outro, oportuniza a produção de novas formas de conhecimentos e a contestação de antigas formas de racismo. Hall (2003, p.43), reforça que a cultura é uma produção e orienta que a cultura:

> Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura e nos produzir a nós mesmo de novo, como novos tipos de sujeitos.

Trazer para a academia a produção de intelectuais negros e negras produzirá caminhos que reconhecem nas multiplicidades de temas apresentados pelas relações étnico-raciais, a oportunidade de repensar questões que envolvem história e construção da identidade e cultura da população negra. Essas construções culturais precisa reconhecer nas diferenças as possibilidades de articulações e (re)construções identitárias, criando redes de relações e novas referências culturais. Gomes (2005, p.60) reforça que: "Pensamos que o diálogo, a discussão, a convivência respeitosa e digna entre os segmentos sociais supracitados, entre outros, são, de um lado, formas de superação do racismo e, de outro lado, formas de construção de uma verdadeira democracia racial. Esta é uma meta que desejamos". O diálogo entre as produções literárias, acadêmicas e midiáticas iniciará um novo panorama para repensarmos a verdadeira democracia racial que tanto almejamos.

O LEGADO DE FANON

A seguir apresento um breve recorte sobre a história Frantz Omar Fanon, por considerar que dentre todos os intelectuais negrxs que tive a oportunidade de conhecer em meu percurso formativo. Este autor destaca-se por suas obras serem consideradas de grande relevância para a pesquisa das temáticas relacionadas as relações étnico-raciais, muitas vezes influenciando a produção de outros intelectuais negros e negras. Nascido na Martinica em 20 de julho de 1925, Fanon formou-se em psiquiatria, filosofia sendo considerado um ensaísta marxista francês da Martinica. Tornou-se um influente pesquisador do século XX sobre os temas como a descolonização e as psicopatologias

que colonização produziu nas relações entre negros e não-negros. O autor deixou um legado de referências para outros intelectuais negros e negras, através de seus pensamentos, questionamentos e afirmações acadêmicas e científicas sobre questões que envolvem o negro diaspórico.

Carlos Moore apresenta que Aimé Césarie[6] durante o processo de construção do conceito da Negritude , atribuiu um significado revolucionário ao termo, em busca pela luta social presente no mundo negro contemporâneo, contra o racismo e que positivou as relações raciais dos sec. XX . O autor apresenta Fanon em uma breve passagem do texto: O Discurso sobre a Negritude, para atribuir ao movimento da Negritude a dimensão psicanalítica, descrevendo com detalhes o processo de assimilação do racismo. Moore (2010, p.19) destaca que:

> O operário negro é duplamente alienado: pelo processo de exploração econômica, que partilha com todos os outros operários existentes, e pelo processo de alienação racial, que partilha exclusivamente com outros negros, operários ou não. A alienação racial afeta toda uma raça, independente da classe social de seus integrantes.[...]Fanon concebe que, para o sujeito colonizado modificar os termos e relação com o mundo que o oprime, se fazia necessário o emprego da resistência em todas suas formas. A resistência ao racismo eleva o sujeito colonizado ao lugar de protagonista, devolvendo-lhe, com isso, a humanidade. A violência revolucionária, diz Fanon, é desalienante".

Fanon ao propor uma violência revolucionária como forma de desalienação do homem negro, fez contradizer os fundadores do Marxismo, apontando que existe uma condição social especificamente para o operário negro. O caráter revolucionário de Fanon não estava apenas em suas marcas textuais, destaco que ele se alistou ao Exército de Libertação da Argélia, o que posteriormente influenciou ativamente no progresso de suas pesquisas sobre as exigências emancipatórias entre as raças no período pós descolonização. Destaco a obra: Os condenados da Terra, que autor apresenta as formas de alienação que a Europa impôs sobre o homem de outra raça. Fanon (1968) destaca que: "Abandonemos essa Europa que não para de falar no homem, ao mesmo tempo que o massacra onde quer que o encontre, em todos os cantos de suas ruas limpas, em todos os cantos do mundo".

[6]Césarie, Senghor e outros intelectuais construíram a história da negritude, tendo reconhecido em Césaire como o criador do conceito negritude e inspirador desta causa. (Moore, 2010)

O autor Kabengele Munanga (1952, p. 36), em seu livro: Negritude, usos e sentidos, cita Fanon ao mencionar a busca pelo embraquecimento da mulher negra através do casamento com um branco, com a transcrição de uma passagem do livro de Je suis martiniquaise, de Mayotte Capécia, apresentando a seguinte afirmativa de Fanon:

> Mayotte gosta de um homem branco de quem tudo aceita. É um senhor. Ela nada reclama, nada exige, a não ser um pouco de brancura na sua vida. E, quando perguntada se ele é bonito ou feio, enamorada responde: "Tudo o que eu sei é que ele tinha olhos azuis, cabelo loiro, pele pálida e que eu o amava".

Kabengele utiliza-se de uma memória de Fanon para apresenta as influências colonizador sobre a pessoa negra na utopia do querer-se embranquecer proporcionando uma contínua desestabilidade cultural, emocional e psíquica na população negra.

No livro: Pele negra, máscaras brancas, Fanon consagra sua atitude revolucionária e resistente, lembrada por tantos autores que o perpetuam até os dias atuais. No prefácio do livro fica claro que este trabalho se consagra como uma obra sobre o pensamento diaspórico africano, do pensamento psicológico, do pensamento da descolonização, caracterizando um mundo em que a indiferença a cor significa manter a supremacia de uma cor especifica: o branco. Fanon nos apresentar um olhar crítico sobre três principais pontos dos estudos das relações étnicos-raciais. Primeiro os privilégios destinados a branquitude e que produzem na população negra formas de racismo como: as agressões as pessoas negras pelo simples fato de existirem e serem negras. O segundo ponto seria o racismo através da segregação silenciosa de elementos culturais produzidos pela população negra. O terceiro ponto o autor destaca as consequências que o racismo produz no negro ocasionado a negação de sua própria raça, esta é a forma de racismo mais cruel, a força do colonizador conseguiu destruir as relações de reconhecimento e respeito a sua própria raça e cultura.

As obras de Frantz Fanon deixaram um legado formativo para o exercício da leitura e identificação dos reais significados de nossas vivências, na luta pela construção de identidades através de elementos realmente representativos, apresentando a brancos e negros como foram e como são construídos os processos da relações étnico-raciais, preservando a resistência e desalienando o pensamento para que a população negra seja respeitada e reconhecidas por suas identidades autênticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as obras de intelectuais negros e negras no ambiente educacional e acadêmico amplia as referências na produção das pesquisas, apresentando através de histórias reais de resistências o significado de pertencimento, unindo os laços destruídos pela diáspora africana, (re)construindo sentidos e significados.

Quando perguntado se lembrava de alguém que influenciou seu desenvolvimento intelectual, Stuart Hall (2003,p.342) respondeu:

> Não houve só uma pessoa, mas diversas e elas fizeram duas coisas por mim. Primeiro, me transmitiram um forte sentimento de autoconfiança e de realização acadêmica. Segundo, sendo professores, eles se identificavam com aquelas tendências nacionalistas emergentes. Embora fossem intensamente acadêmicos e de orientação inglesa, também estavam atentos ao crescimento do movimento nacionalista caribenho.

As colocações de Hall destacam que para o seu desempenho acadêmico fosse bem-sucedido, e que posteriormente o transformou em um intelectual negro, a interação e estímulos dos professores foram fundamentais no seu processo de sua aprendizagem, mesmo que a guerra caribenha não fizesse parte da cultura/vida dos professores estes incentivavam Hall a pesquisar e desenvolver-se sobre temas que os despertavam interesses.

O incentivo aos debates e a busca por pesquisas que demostrem a diversidade cultural e social que permeia a vida humana, podem promover o início de uma desalienção da educação, produzindo formas de (re)afirmação e (re) conhecimento das identidades dos povos. No Brasil, esse incentivo será necessário para entender o processo de construção de nossa mestiçagem, através do (re)conhecimento da história de cada povo. A construção da identidade surge a partir da constatação que através das diferenças identificamos as particularidades que permeia a cultura do outro. E quem é o outro? Para responder esta pergunta Munanga (2012, p.11) nos instiga à produzirmos uma análise crítica e sem julgamentos preconceituosos, buscando entende a construção da história do outro. O autor complementa:

> Creio que além dos preconceitos inegáveis, vocês poderão descobrir alguns comportamentos comuns a todos os alunos negros que podemos considerar como

> uma característica de sua identidade psicológica coletiva. Mais do que isso, tentam entender porque essas diferenças. Por exemplo: o riso negro, o olhar negro, o abraço negro, a postura negra nos espaços frequentados majoritariamente pelos brancos, nos espaços frequentados majoritariamente pelos negros. O que está por traz da letra da música que fala de um sorriso e de um abraço negro?

A necessidade de representação da identidade da população negra só existe por que há diferença históricas que resultaram na exclusão desses povos. Munanga (2012, p.14) complementa: "São os mais fracos que precisam se mobilizar para defender sua existência, daí a razão de ser de suas identidades coletivas. " O medo de perder os privilégios que permeia a branquitude ainda faz-se produzir o apagamento de muitos, dos outros, que também fizeram história. Estudar intelectuais negros e negras nas escolas e nas instituições acadêmicas será um bom começo para a produção de diálogos, difundindo e produzindo materiais que representem de forma autêntica a população negra e demais povos que tiveram suprimidos o direito a identidade.

REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, Aimé; Moore, Carlos. *Discurso sobre a Negritude*. Nandyala, 2010.

FANON, Frantz, *Pele Negra, Máscaras Brancas*. EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra.* Civilização Brasileira,1968.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:* uma breve discussão. Coleção educação para todos. MEC, 2005. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=658-vol2antirac-pdf&Itemid=30192 >, acesso em: 11 de setembro de 2016.

HALL, Stuart. Da Diáspora. *Identidade e Mediações Culturais*. Liv Sovik Organizadora. Editora UFMG, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação.* Editora PUC, 2016.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir.* A Educação como prática da liberdade. Wmf Martins Fontes, 2013.

MBEMBE, Achille. As sociedades contemporâneas sonham com o apartheid. *Revista Mutamba. Sociedade, Cultura e Lazer*. Janeiro 2014. P. 06 e 07. Disponível em: < www.novojornal.co.ao > . Acesso em: 16 de outubro de 2016.

MOREIRA, Camila. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. *Revista da ABPN* • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 73-87. Disponível em: < http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/151 > . Acesso em: 24 de outubro de 2016.

MOURA, Clovis. *O racismo como arma ideológica de dominação*. Disponível em:< http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/70_O_racismo_como_arma_ideologica_de_dominacao_Clovis_Moura_.pdf > Acesso em : 24 de outubro de 2016.

MORSS, Susan Buck. Hegel e Haiti. *Scielo*, Brasil, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000200010 > . Acesso em: 04 de dezembro de 2016

MUNANGA,Kabengele. *Negritude:* Usos e Sentidos. Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabenguele. Negritude e identidade negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? Rio de Janeiro: *Revista da ABPN*• v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 06-14

WARE, Vron (org.). *Branquidade:* identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018